

À mulher entre o desejo de ter filho e o desejo de ser mãe

The woman between the desire to have son and desire to be mother

Nathachy Twane Gomes de Arruda

Resumo

Desde Freud se faz possível pensar sobre o desejo (ou não) de ser mãe, analisando o papel da pulsão na relação mãe-filho. Deve-se considerar que o investimento libidinal da mãe não se trata de algo pela via do instinto, mas a ser construído pulsionalmente, o que viabiliza a maternidade ser uma reinvenção singular. Verifica-se que o encontro da mãe com o filho, e seu caráter traumático, gera a necessidade de um trabalho psíquico de luto a ser feito pela mãe na presença do filho, através da simbolização da falta do objeto imaginário (falo). Nesse sentido, aponta-se o luto como saída para o desejo de ser mãe, o que permite sustentar a posição materna e o investimento libidinal, para além do desejo de ter um filho.

Palavras-chave

Maternidade, luto, desejo.

Abstract

Since Freud, it is possible to think about the desire (or not) to be a mother, analyzing the role of the drive in the mother-child relationship. It must be considered that the mother's libidinal investment is not something through instinct, but to be built pulsionally, which makes motherhood feasible to be a singular re-invention. It appears that the encounter of the mother with the child, and its traumatic character, generates the need for a psychic work of mourning to be done by the mother in the presence of the child, through the symbolization of the lack of the imaginary object (phallus). In this sense, bereavement is pointed out as a way out of the desire to be a mother, which allows sustaining the maternal position and libidinal investment, in addition to the desire to have a child.

Keywords

Maternity, Mourning, Desire.

**Nathachy Twane
Gomes de Arruda**

**UFES – Universidade
Federal do Espírito
Santo**

Mestranda em Psicologia
Institucional: subjetividade,
saúde e clínica (UFES). Pós
graduanda em Psicanálise
com crianças e adolescentes:
teoria e clínica no Instituto
ESPE. Associada da Escola de
Psicanálise Corpo Freudiano.
Graduada em psicologia pela
Universidade Federal
Fluminense.

nathachy.arruda@gmail.com

A maternidade, pensada no senso comum, está ligada ao campo biológico, na idéia de que há um instinto na mulher que a empurra para o campo materno. Como explica Luciano Elia (1995, p. 47) “um instinto é um padrão fixo, invariável de comportamento, comum a todos os indivíduos de uma mesma espécie, voltado para um objeto específico e pré-determinado de satisfação [...]”. Se o desejo de maternidade é instintivo, como explicar a existência de mulheres que não possuem o desejo de ter filho, as que possuem tal desejo, mas não se identificam com a posição de exercer a função materna, ou ainda, aquelas que excessivamente fazem do filho objeto de satisfação e/ou abjeto excluído do seu desejo?

Para fins analíticos, o conceito de pulsão em Freud ajuda a entender certo funcionamento psíquico que faz uma torção dos instintos na vida humana. Para Freud (1969 [1914], p. 127), a pulsão pode ser explicada como “uma medida de exigência feita à mente no sentido de trabalhar em consequência de sua ligação com o corpo”. Ou seja, a psicanálise considera o fato de que tem algo da ordem psíquica que compõe a singularidade do ser humano, diferenciando-o dos animais. Em suma, o autor aponta a pulsão como uma força que visa satisfação e seu objeto será aquilo de mais modificável, capaz de mover a busca pelo alvo a ser atingido, não se tratando de um padrão instintual, e sim de uma variável, que é de cada sujeito.

Considerando que a pulsão fica livre para buscar satisfação, o objeto pode ser modificado várias vezes no decorrer das vicissitudes que essa sofre durante sua existência, sendo seu deslocamento altamente importante, o que acontece também no campo da maternidade. Assim, corroborando para o entendimento da pulsão a respeito do laço entre a mãe e o filho, entendendo que se a pulsão é uma força que visa satisfação, a criança poderá entrar como objeto de desejo da mulher, apontando que querer ter um filho não é uma necessidade biológica, contudo passa pela busca pulsional. Por outro lado, a criança, enquanto um corpo pulsional, vai buscar prazer na relação com os primeiros outros e, diante desse investimento, vai constituindo a subjetividade nesse universo.

Ao nascer, o bebê não possui meios suficientes para se auto cuidar e necessita de alguém que possa lhe oferecer recursos como a alimentação, higienização, interpretação dos sinais emitidos, entre outros. Ou seja, para que a criança se mantenha viva, fisiológica e psiquicamente, é preciso que a mãe e/ou o (a) cuidador (a) possa ir além da pura experiência de ter/adotar o filho e faça a passagem para o exercício da função materna. O que implica dizer que não bastam somente os cuidados em nome da sobrevivência, mas é essencial o amparo e a oferta de um lugar para a criança na vida de quem lhe cuida. Assim, constata-se que mesmo o filho parido deve ser adotado psiquicamente pela mãe, um ato simbólico que pode acontecer no campo do desejo materno.

A partir da pulsão, pode-se falar na produção de desejo na dinâmica da função materna com a criança, o qual proporciona a entrada na linguagem, nos afetos e no enlace do amar/ser amado. Nesse sentido, a psicanálise considera a relevância dos cuidados da mãe para a constituição do sujeito, o que Freud apontou com a descoberta do inconsciente e posteriormente, Lacan lançou como sujeito do inconsciente. Este que é fundado a partir da linguagem, como acrescenta Germano Costa (2018, p. 92) “a linguagem é esse lugar que faz com que o sujeito e o Outro estejam profundamente associados”, acrescenta:

A visada da psicanálise reconhece que apenas fatores filogenéticos não são suficientes para que um bebê humano torne-se um sujeito inserido na ordem social e cultural. Sem uma inserção na ordem familiar e social, nenhum ser da espécie humana poderá se manter vivo, muito menos poderá vir a se constituir como sujeito (p. 928).

Jerusalinsky (1988) corrobora ao pontuar que o humano, instintivamente deficiente, busca em quem ocupa a função materna recursos para satisfazer e acalmar seu mal-estar, onde sua auto-insuficiência abre para uma dimensão psíquica, e a pulsão, trabalhada pela mãe, faz-se representar o biológico. Sugere que o corpo capturado e operado pelo outro materno permite um ordenamento simbólico constituído pelo olhar, escutar, dirigir-se, receber, etc., rearmando o corpo numa posição imaginária. Deve-se abordar a própria relevância da erogeneização do corpo da criança, a qual somada ao investimento libidinal da mãe vai possibilitar, com o despertar das pulsões nas zonas erógenas, que a criança passe pela experiência narcísica e comece a compor uma imagem do “EU”, um processo de subjetivação do corpo e do psíquico.

Aponta-se que as primeiras experiências de satisfação de um bebê humano, vão inscrevendo marcas naquilo que é da ordem do biológico, organizando e buscando diminuir as tensões que já se apresentam no primeiro suspiro de vida. O corpo, palco das tensões, vai sendo banhado pela linguagem, marcando-o e deixando restos, e à medida que desequilibra outra vez, ativa a marca da satisfação deixada pela primeira experiência. Portanto, entende-se que o investimento libidinal da mãe, é essencial para fundar a existência humana quanto a possibilidade de tornar-se seres sociais, onde o corpo é movido pela pulsão, e esta passa a ser a demanda que existe entre o bebê e o Outro.

A partir da demanda da criança será produzida uma questão primária, a qual passa pela busca de também atender a esse outro materno e descobrir o que esse outro deseja ao atender suas demandas. De acordo com Jerusalinsky (2002, p. 137):

[...] a mãe não só estabelece a demanda do bebê – colocando em cena seu saber inconsciente para ler, para outorgar significação ao choro –, ela produz outro movimento fundamental: após formular uma resposta à demanda do bebê, ela se certifica de que a significação que atribuiu a tal demanda tenha sido acertada. É como se a mãe se interrogasse: “*será que é isso mesmo que ele queria?*” Nesse movimento ela supõe sujeito no bebê, supõe nele um desejo que não necessariamente coincidiria com o dela. A mãe sustenta uma posição de sujeito desde muito cedo, ainda quando as reações do recém-nascido são reflexas, carecendo de qualquer intencionalidade, ela está a supor um desejo no bebê.

Vale ressaltar, então, que é preciso a formação do laço pulsional, para possibilitar fazer jogadas com o biológico. O que permite a biologia ganhar corpo pulsante e amarrar-se na vida enquanto sujeito desejante. Desta forma, considerando que o processo de constituição do sujeito remonta às primeiras experiências humanas com o outro, com o próprio corpo e o corpo do outro, serão apresentados os Complexos de Castração e Édipo da menina, em Freud, para dar base à investigação sobre o desejo de uma mulher de ter filho e o desejo de ser mãe, ambos relacionados, mas distintos.

Édipo e Castração na menina e seus desdobramentos

Em 1925, no texto “Algumas conseqüências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos”, ao explicar sobre os Complexos de Édipo e Castração, analisa que na menina o Complexo de Édipo tem uma longa pré-história e constitui uma formação secundária, a qual terá sua importância significativa nos destinos possíveis para o caminho da feminilidade. Inicialmente ela tem a mãe como seu primeiro objeto de amor, ao receber os primeiros cuidados e investimentos libidinais maternos, e como conseqüência entra numa posição passiva em relação à mãe. No entanto, não deixa de se direcionar para a fase fálica.

Em dado momento ocorre a descoberta da diferença entre os sexos, ao identificar que o menino possui um órgão que ela não possui. É por meio dessa descoberta que “imediatamente o identificam com o correspondente superior de seu próprio órgão pequeno e imperceptível; dessa ocasião em diante caem vítimas da inveja do pênis” (FREUD, 1969 [1925], p. 280). Comumente se posiciona rápido ao reconhecer que não possui e passa a cobijá-lo. Nesse sentido cria-se uma esperança de possuir o pênis. Quando a menina vê o pênis no menino e se sente castrada, compreende que se trata de um caráter sexual universal, produzindo certa ferida narcísica e algumas consequências importantes para assunção de sua feminilidade.

Podem-se verificar algumas decorrências da inveja do pênis, ainda que este tenha deixado de ser o verdadeiro objeto causador da cicatriz narcísica feminina, conforme segue: desenvolve-se um sentimento de inferioridade em relação aos meninos; ocorre o deslocamento da inveja do pênis para um traço que caracteriza o ciúme; produz-se um afrouxamento da relação afetiva da menina com a mãe, culpando-a por sua insuficiência sexual e, assim, abandona a posição passiva em relação à mãe. E o mais importante efeito, segundo o autor, consiste na oposição à masturbação.

Freud observou que a masturbação para a menina era uma atividade, de certa forma, aversiva, já que para ela seu órgão não poderia cumprir com tal impulso, pois no primeiro momento, desconhecem a vagina, conhecendo, portanto, o clitóris e fazendo homologia entre este e o pênis. Assim, a masturbação tida como atividade essencialmente masculina, pôde ser considerada um precursor da onda de recalque na menina, acrescenta:

Não se pode ser outra coisa senão seu sentimento narcísico de humilhação ligado à inveja do pênis, o lembrete de que, afinal de contas, esse é um ponto no qual ela não pode competir com os meninos, e que assim seria melhor para ela abandonar a idéia de fazê-lo. Seu reconhecimento da distinção anatômica entre os sexos força-a a afastar-se da masculinidade e da masturbação masculina, para as novas linhas que conduzem ao desenvolvimento da feminilidade (FREUD, 1969 [1925], p. 284).

A inveja do pênis e sua renúncia não são toleradas pela menina sem alguma tentativa de compensação, como citado acima. A partir de seu reconhecimento da diferença anatômica sexual se afasta da masculinidade e da masturbação, seguindo para a constituição da sua feminilidade. Para Freud o Complexo de Castração tanto inibe e limita a masculinidade, quanto incentiva a feminilidade. Porém, faz-se necessário considerar que a feminilidade é mais um atributo para a constante constituição da mulher, já que não há uma significação fálica para sustentar a identidade feminina, restando-lhe a identificação com sua mãe (ANDRÉ, 1998).

Em 1931, Freud considera que a primeira tarefa da menina é abandonar o que inicialmente era sua zona erógena genital, o clitóris análogo ao pênis, por outra zona que é a vagina, considerando que para efetuar a passagem da sexualidade do clitóris para a vagina é necessário que a primeira seja recalçada. Caso contrário, havendo uma recusa de abrir mão da excitação do clitóris, a mulher pode ficar anestesiada e comprometer a sexualidade feminina como um todo. A segunda tarefa é mudar seu objeto de amor, que inicialmente é a mãe, para ter o pai como tal objeto. Nesse ponto o autor apresenta o deslizamento libidinal da menina para uma nova posição, esta que se dará em relação à equação pênis-criança, quando ela abandona o desejo de ter um pênis e substitui pelo desejo de ter um filho, o que faz emergir o pai como objeto de amor e a mãe como sua rival.

Nesse sentido, o Complexo de Castração introduz o Complexo de Édipo na menina. Entretanto, de acordo com Freud (1969 [1931]), não sem passar por três possibilidades de caminhos, quais sejam: o abandono da atividade

fálica e de considerável parte da sua masculinidade, dada a insatisfação com o clitóris; o desafio com sua *auto-afirmatividade*, dada a ameaça de sua masculinidade, ainda com o desejo de conquistar um pênis em algum momento; e a ocasião na qual toma o pai como objeto de amor, esperando que ele lhe dê o pênis que a mãe não deu. Dada, porém, a inviabilidade de possuir um pênis, ela desliza numa equação simbólica do desejo de ter um pênis para o desejo de ter um bebê. Ou seja, como mencionado antes, a menina tem a castração como fato consumado, não havendo o temor à castração como no menino, porém o que se apresenta é o temor pela perda de amor. Reflete Freud (1969 [1931], p. 124) que “quanto mais profundamente uma criança ama seu objeto, mais sensível se torna aos desapontamentos e frustrações provenientes desse objeto; e, no final o amor deve sucumbir a hostilidade acumulada”.

Avalia-se, assim, mais uma possibilidade para o surgimento do desejo pelo filho, quando, a partir da demanda de ser amada e o próprio temor pela perda do amor, suscita na mulher a busca por alguém que ocupará esse lugar de escolhê-la e investi-la amorosamente. Ou seja, pode-se dizer do filho enquanto uma escolha objetual que estaria atrelado ao narcisismo da mulher reconhecidamente castrada. Freud, (1969 [1931], p. 131), complementa ao dizer que “atribuímos à feminilidade maior quantidade de narcisismo, que também afeta a escolha objetual da mulher, de modo que, para ela, ser amada é uma necessidade mais forte que amar”.

O Complexo de Édipo, para ela, culminaria no desejo de receber um filho do pai, desejo que uma vez não concretizado, resultaria na dissolução do Complexo, este que “de modo algum é superado pela mulher” (FREUD, 1969 [1931], p. 238). O autor confirma que os desejos de ter um pênis e um filho permanecem investidos no Inconsciente da menina, criando espaço para a preparação de seu papel futuro. Observa-se, com os estudos de Freud, que a feminilidade ficaria reservada a uma função futura, fazendo supor a maternidade. Entretanto, de acordo com Fernanda Leal (2019, p. 47), “a maternidade não é, a princípio, o que ela deseja realizar com o objeto bebê, mas, de alguma forma, é a maternidade que se apresenta como demanda imperativa quando se tem um bebê nos braços”.

O Desejo de ter um filho e o desejo de ser mãe

Assim, levanta-se o questionamento a respeito da diferença entre o desejo de ter um filho e o desejo de exercer a função materna, quando há de se considerar que “é necessário que haja além de uma mulher e de uma criança, identificações e desejos, e ainda processos psíquicos que poderão tornar esse materno possível e que permitirão à mulher elaborar essa nova identidade” (LEAL, 2019, p. 99). A partir disso, entendemos que o amor pelo filho surgirá (ou não) a partir de certa consonância com o ideal do eu da mulher, abrindo para a possibilidade de se fazer a passagem do desejo de ter um filho para o desejo de ser mãe.

O ideal do eu é parte do narcisismo secundário, quando o sujeito já passou pelas experiências provenientes da castração e conseqüentemente, considerou suas falhas, em contraponto a esse EU sem fissuras, originalmente talhado pelo olhar dos pais. A partir de então, e ao longo de sua vida, o sujeito terá que se haver com essa disparidade fundante, com esse furo, com o fato de ser em falta. Aqui, novamente, se faz possível pensar certa busca da mulher para tamponar essa falta pela via da fantasia de ter um filho. A idealização aqui é um ganho, um recurso necessário. André (1998, p. 193) explica que:

Para ser investido, o objeto deve estar em conformidade com o eu, em outras palavras, envolvido por uma imagem narcísica. Essa imagem já comporta por si mesma uma abertura para um mais-além do estatuto de

abertura do objeto da mãe, pois é tributária de todas as faltas que guiaram a mãe em direção a tal ou qual traço de seu narcisismo.

Por esses motivos, entre outros, supõe-se que a mulher precisa idealizar seu filho e engendrar um lugar em sua fantasia para que esse bebê possa ser recebido no campo factual. Falando de outra forma, na idealização a criança pode ganhar um lugar no desejo da mulher. Segundo Freud (1969 [1914], p. 95) “o narcisismo de outra pessoa exerce grande atração sobre aqueles que renunciaram a uma parte de seu próprio narcisismo e estão em busca do amor objetual”.

Nesse sentido, aponta-se a importância da idealização para gestar/adotar uma criança, ou seja, demonstra-se o quanto a idealização é constitutiva tanto para o tornar-se mãe como para o bebê se tornar sujeito a partir, pode-se dizer, de uma identificação narcísica ligada ao ideal dessa mãe. De acordo com Freud (1969 [1917], p. 255) “a identificação é uma etapa preliminar da escolha objetual, que é a primeira forma – e uma forma expressa de maneira ambivalente – pela qual o ego escolhe um objeto”. Observa-se que o processo de elaboração da posição materna deve passar pela idealização. Entretanto, a idealização não é a única condição para que a elaboração de tal posição se constitua. Assinalamos também, a necessidade de uma travessia da maternidade idealizada para uma maternidade possível, a fim de permitir o exercício da posição materna.

Assim, entendemos que o encontro factual com o filho não deixa de passar pelo traumático, algo da ordem de um excesso, visto que “[...] a linguagem não pode dar conta totalmente do silêncio pulsional, eis porque esse encontro está fadado a ser entendido como traumático” (COSTA, 2018, p. 137). Este encontro com o filho, e seu caráter traumático, gera a hipótese de que há um trabalho psíquico de luto, através da simbolização da falta do objeto imaginário ideal, a ser feito pela mãe na presença do filho.

Vale lembrar que Freud, ao escrever sobre a divisão do eu, mostra um conflito original onde o eu se encontra, por um lado, sob influência pulsional em busca da satisfação e, por outro, a possibilidade dessa satisfação resultar num perigo real quase insuportável. Acrescenta Freud (1969 [1940], p. 309):

O ego deve então decidir reconhecer o perigo real, ceder-lhe passagem e renunciar à satisfação instintual, ou rejeitar a realidade e convencer-se de que não há razão para o medo, de maneira a poder conservar a satisfação. Existe assim um conflito entre a exigência por parte do instinto e a proibição por parte da realidade.

Quando a mãe se depara com o vazio decorrente da impossibilidade de completude, encontra aí a necessidade de se fazer uma travessia entre o ideal e o factual, o que possibilita seguir em direção ao caminho do desejo para ocupar a posição materna. Sustenta-se que há algo que se perde nessa experiência com o real e, justamente pela perda, esteia o desejo.

De acordo com Rogério Quintella (2018), Lacan vai pensar a castração como suporte para analisar como o desejo se constitui na cultura, e por meio desse ponto inicial encontrará o resultado de que não se tem e nem se pode ter o objeto do desejo, admitindo a falta no campo do real. A posição materna implica sustentar o desejo e, portanto, a falta. Quintella (2018) relendo Lacan, explica a função da falta a partir de três categorias, a saber: castração, privação e frustração. Em síntese, corrobora:

[...] a criança identifica-se inicialmente ao falo, ou seja, “se faz” de objeto do desejo da mãe na tentativa fracassada de dar um esteio imaginário ao

objeto em falta, ao qual a mãe dirige seu desejo, num mais-além da relação imaginária. Por isso a criança, por mais que deseje o desejo da mãe, fazendo-se de falo para ela, encontra na própria mãe a privação como um referendo da falta no Outro, que a criança não pode suprir (p. 96).

Desse modo, entende-se que a castração é a falta no Simbólico, que sintetiza a relação presença-ausência e orienta a criança em relação à lei simbólica, a lei do Nome-do-pai, tornando as identificações simbólicas a partir da falta no Imaginário. Assim, têm-se a frustração quando se imagina que o Outro tem aquilo que se deseja. Entretanto, o Outro não dá o que se deseja, fazendo com que a falta corresponda a um objeto simbólico, o falo, que não é entregue, um objeto que é interdito. Nesse sentido, considera-se a falta no Real como sendo a privação pela qual não se tem e nem se pode ter aquilo que se deseja, dada a impossibilidade de obter o objeto de satisfação enquanto tal.

Trata-se, portanto, da privação do objeto simbólico (falo). A partir da falta, a qual é estruturante, apontando desde então a impossibilidade de se fazer unidade no par mãe-filho. Como considera Quintella (2018, p. 94):

Para Lacan, não há no Outro nenhuma garantia sobre o bom encontro, dado que, fundamentalmente o que se acha envolvido na relação com este Outro é um encontro faltoso que marca a impossibilidade de acesso a um objeto ideal na experiência de satisfação.

Nesse sentido, dada a impossibilidade de obter o objeto enquanto tal, abre-se mão deste para voltar a investir no desejo, o que só é possível a partir da castração simbólica da mãe. O desejo é o efeito da aposta na mudança de objeto. Segundo Quintella (2018, p. 103) “a privação assume função importante para a aceitação da perda do objeto, da impossibilidade de satisfação plena e da própria castração”. Lacan (1999 [1957-1958], p. 191) acrescenta que “[...] toda privação real exige a simbolização”. Entende-se, portanto, que a privação abre a possibilidade para mãe buscar na linguagem o meio de simbolização, na própria experiência com o filho, encontrando seu lugar simbólico na posição real, pois a privação vai organizar a identificação ligada à Lei da castração.

Leal (2019) argumenta que a chegada do bebê representa psicologicamente uma perda que é semelhante a um luto e esse é o processo importante para que haja um desinvestimento no objeto perdido, o bebê ideal, dando espaço para o investimento libidinal direcionado ao bebê que está à sua frente. É preciso entrar na relação de perda com o filho, para que se abra para o movimento de desejar e para o amor, uma vez que este também implica uma falta. Como foi dito anteriormente, só a privação real permite o luto, por meio da simbolização do objeto imaginário perdido (falo) e o amor pelo objeto real encontrado (filho). Como coloca Freud (1969 [1916], p. 319):

O luto, como sabemos, por mais doloroso que possa ser, chega a um fim espontâneo. Quando renunciou a tudo que foi perdido, então consumiu-se a si próprio, e nossa libido fica mais uma vez livre para substituir os objetos perdidos por novos igualmente, ou ainda mais, preciosos.

O autor contribui para a reflexão de que tanto é preciso um significante que organize o discurso materno, quanto é importante sair do campo da idealização e realizar a separação do objeto imaginário idealizado. Como coloca Jorge (2005, p. 92):

[...] o Outro é o lugar do significante, é o registro do simbólico, que Lacan denomina de Outro na medida mesma em que o campo dos significantes é faltoso, é incompleto e nele há sempre a possibilidade de introduzir, por meio de um ato criativo, um novo significante. [...] Logo, o lugar do significante é nomeado por Lacan de Outro porque ele jamais é o mesmo, ele é sempre diverso de si mesmo, ele nunca apresenta uma identidade definitiva: ele é pura alteridade. Assim atestar que “não há Outro do Outro” implica formular a radical incompletude do Outro: para além desse regime faltoso, furado da linguagem, nada vem em sua suplência.

Ou seja, o Outro no Outro, que é a Lei inscrita no lugar do Outro, é a castração da mãe e que se aproxima do feminino na mulher. O que oportuniza a mãe, na posição feminina, simbolizar o falo e ultrapassar a dimensão imaginária, resignificando o lugar do filho enquanto objeto faltoso. A presença do filho permite marcar a presença da falta, produzindo o desencontro e a possibilidade da emergência de um laço desejante na maternidade. Ou seja, impulsionar o desejo na posição de mãe.

Tendo em vista essa explicação, pode-se vislumbrar que a maternidade passa a ser uma escolha e deixa de ser um destino único e possível, quando a satisfação da mulher pode passar ou não pelo desejo de ter um filho, sendo relevante refletir que “o caráter fundamental da relação de amor, com tudo o que esta comporta de elaborado, não em segundo grau, mas em terceiro, não implica somente, diante de si, um objeto, e sim um ser” (LACAN, 1995 [1956-1957], p. 184). Ou seja, a criança para além da relação objetal será “como signo de amor, inicialmente anulado para ressurgir em seguida como pura presença” (LACAN, 1995 [1956-1957], p. 185), ligando a idealização, produzida pela falta essencialmente original, ao caminho da realização da posição materna.

O luto como saída para a posição materna

Freud (1969 [1916], p. 318) diz que o luto ocorre quando “[...] a libido se apegava a seus objetos e não renuncia àqueles que se perderam, mesmo quando um substituto se acha bem à mão”, ou seja, o luto terá a função de retomar a via do desejo buscando um substituto do objeto perdido na idealização. Analisa-se assim que a criança factual - para além de apenas ser um representante fálico da mãe - poderá entrar como esse substituto, proporcionando um desencontro que mantém vivo o desejo e possibilita a constituição de um laço de amor.

Assim, este artigo defende o luto como saída para o desejo de ocupar a posição materna, alcançando o amor, este que é impensável sem a castração e sem a privação, o que abre para a inventividade feminina. Ponto crucial para a própria transmissão da castração, pela via do desejo da mãe que se apresenta, também, como mulher, apontando seu desejo para um terceiro.

Como foi defendido, o deslocamento do objeto da pulsão precisa acontecer também no campo da maternidade. Isso pode explicar o que levou Freud a pensar o Complexo de Édipo e Complexo de Castração, enquanto cenas familiares, nas quais se vivencia a própria organização corporal e o enlaçamento no campo do Outro. O autor entende que é a partir das cenas familiares que se exerce também o enlaçamento das pulsões de vida e de morte, as experiências de amor e ódio, onde as vivências edípicas se tornam vivências no laço social. Costa (2018, p. 85), explica:

É aqui que entra em cena o trabalho do Outro materno que receberá o prematuro bebê como objeto de uma economia libidinal e que através de seus cuidados, efetuará uma erotização, capaz de oferecer um amparo e uma proteção frente ao desamparo primordial, oceano da pulsão de morte.

Avalia-se, portanto, o papel do desejo de maternidade na subjetividade feminina e na distribuição libidinal da pulsão no bebê, que o salva do oceano

a pulsão de morte. Ou seja, o desejo de ocupar a função materna, para além de apenas ter o filho como alvo de satisfação também erotiza o corpo do bebê e possibilita a construção de sua economia libidinal.

Deste modo, para que a criança ganhe investimento libidinal da mãe, verifica-se a importância de, através do sentimento de incompletude, por meio da esfera subjetiva de “ter um filho” buscar investir no desejo de “ser mãe”. Melhor dito, fazer a travessia da tomada do filho como sendo o próprio objeto de sua satisfação, para a tomada do filho como sendo objeto causa de desejo, o objeto enquanto faltoso. O que pode frear o que levaria a criança a ser reduzida ao seu corpo como objeto da mãe. É preciso fazer algo com a falta e com a angústia, apostar na capacidade de fantasiar, dar linguagem e representação, sustentando o desejo de maternidade e o amor no campo da falta.

Considerações finais

Em conclusão, afirmamos que tornar-se mãe é uma constante torção da natureza, considerando que mesmo o filho biológico precisa ser adotado psicologicamente pela mãe, onde não há instinto e, tampouco, completude possível. Portanto, marca-se a diferença entre a idealização de ser mãe, a qual é relacionada a um ideal do eu, o desejo de ter um filho, que pode estar atrelado ao desejo de ter um falo e o encontro real com o filho, o qual denuncia a necessidade de um trabalho de luto para que seja possível a passagem da idealização para realização da posição materna. Como já vem sendo apontado, a psicanálise oferece um escopo teórico que sustenta o quanto a existência humana supera a dimensão biológica, portanto marca-se o quanto é preciso seguir criativamente em direção ao desejo para ocupar a posição materna a partir da falta, fazendo frente a romantização de uma completude que é impossível.

Sobre o artigo

Recebido: 11/08/2020

Aceito: 05/09/2020

Referências bibliográficas

- ANDRÉ, S. **O que quer uma mulher?** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.
- COSTA, G. Q. **Entre o desejo e o gozo: o infantil na psicanálise**. 2018. 211f. Tese (Doutor em Psicologia). Programa de Pós-Graduação em Psicanálise, Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro: 2018.
- ELIA, L. **Corpo e sexualidade em Freud e Lacan**. Rio de Janeiro: Uapê, 1995.
- FREUD, S. Sobre o narcisismo: uma introdução (1914). In: FREUD, S. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1969, v. XIV, p. 75-108.
- FREUD, S. Os instintos e suas vicissitudes (1915). In: FREUD, S. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1969, v. XIV, p. 123-144.
- FREUD, S. Conferência XVII: Sobre a transitoriedade (1916). In: FREUD, S. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1969, v. XIV, p. 313-319.

FREUD, S. Conferência XVII: Luto e melancolia (1917). In: FREUD, S. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1969, v. XIV, p. 243-263.

FREUD, S. Algumas conseqüências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos (1925). In: FREUD, S. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1969, v. XIX, p. 277-286.

FREUD, S. Sexualidade feminina (1931). In: FREUD, S. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1969, v. XXI, p. 231-251.

FREUD, S. A divisão do ego no processo de defesa (1940). In: FREUD, S. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1969, V. XXIII, p. 305-312.

JERUSALINSKY, A. **Psicanálise e desenvolvimento infantil: um enfoque transdisciplinar**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1988.

JERUSALINSKY, J. **Enquanto o futuro não vem: A Psicanálise na clínica interdisciplinar com bebês**. Salvador -BA: Álgama, 2002.

JORGE, M. A. C. **Fundamentos da Psicanálise de Freud a Lacan, Vol. I: as bases conceituais**. 2ª edição. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

LACAN, J. **O seminário, livro 4: A relação de objeto (1956-1957)**. Rio de Janeiro: Zahar, 1995.

LACAN, J. **O seminário, livro 5: As formações do inconsciente (1957-1958)**. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

LEAL, F. A. **A Tristeza comum da mãe: Reflexões sobre o estado psíquico do pós-parto**. Curitiba: CRV, 2019.

QUINTELLA, R. R. **O Supereu canibal: Compulsão, impulsão e o desmentido da privação na atualidade**. 1ª edição. Curitiba: Appris, 2018.